

Dr. António Figueiredo
Prof. Maria José Severino
Dr.^a Dulce Malho
Dr.^a Maria do Rosário Carneiro
Exm^o Senhor Presidente do Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Estimados Amigos

Os meus cumprimentos a todos vós em nome do nosso Município.

O convite que amavelmente me foi dirigido pelo Sr. Padre Ricardo Gameiro para participar na Abertura da 1^a Jornada da Família “Ser Família”, que em boa hora o Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro entendeu promover, constitui para mim uma distinção e uma honra que registo com muito apreço e quero agradecer.

Quero igualmente dirigir uma saudação muito fraterna e muito sentida ao Sr. Padre Ricardo Gameiro e ao Centro Social Paroquial, saudação que estendo com a mesma amizade e estima a todos quantos, na sua direcção e na sua actividade quotidiana, lhe dão corpo e alma para que possa ser assegurada a ampla intervenção social que diariamente esta Instituição garante a 1200 utentes, saudando a comemoração do 50^o aniversário – as Bodas de Ouro – da criação da Paróquia da Cova da Piedade, facto histórico determinante para o desenvolvimento da notável obra social que vem sendo construída desde então.

Reunimo-nos hoje para falar da Família e de “Ser Família” nos tempos actuais, no quadro da sociedade em que vivemos.

O conjunto de temas que os organizadores desta Jornada consideraram como úteis para o debate, e a qualidade dos intervenientes convidados, asseguram, desde logo, que se irão viver durante o dia de hoje, momentos tão interessantes quanto importantes na abordagem de uma problemática que, necessariamente, nos diz muito a todos nós.

Temas tão importantes como a “Evolução do Conceito de Família” – que nos coloca hoje questões essenciais, como o saber responder às necessidades de uma Família em sentido alargado que caracteriza hoje de forma decisiva o nosso conceito de família, os temas “Ser Família – Crescer Juntos” e “Ser Família – Envelhecer Juntos”, que serão certamente espaços privilegiados para a abordagem de questões importantes relativas ao estabelecimento e fortalecimento de laços de relacionamento nas famílias contemporâneas, cujo enquadramento se modificou de forma profunda na nossa sociedade, particularmente ao longo de todo o século passado, com ênfase particular no que respeita à forma como enquadrámos na família as nossas crianças e adolescentes e os

nossos idosos, que não podem ser puramente “depositados” em instituições e assim afastados das famílias, ou ainda o tema “Ser Família – Partilha de Experiências”, que sublinhará seguramente a necessidade da nossa sociedade actual garantir uma abordagem integrada, solidária e responsável, envolvendo todos os actores institucionais e as famílias na procura das soluções mais adequadas para os problemas que hoje se colocam neste domínio.

Os meus parabéns, por isso, pelo feliz leque de temas e respectivos prelectores escolhidos para este debate, que garantem à partida um brilho especial às suas conclusões.

Podendo parecer-nos um tema simples – a Família continua a ser o núcleo essencial da organização da nossa sociedade, a célula primeira da complexa estrutura que dá forma à nossa vida em colectivo, em sociedade, a nossa primeira referência colectiva enquanto seres humanos –, a verdade é que reflectindo sobre as questões que envolvem esta célula original das sociedades, sobre as questões que se encontram directamente associadas à vida das Famílias e às próprias Famílias, me dei conta da dificuldade de, sobre ela, produzir uma reflexão que tem que ser necessariamente curta.

Deixo-vos algumas ideias.

As sociedades humanas são, diz-nos o estudo da antropologia e da história, a mais complexa organização social que a natureza produziu. A teia de inter-relações estabelecidas no quadro das sociedades humanas, entre os indivíduos da espécie mas igualmente entre grupos de mais diversa natureza, de interesses e saberes distintos, eles próprios internamente organizados, é uma teia muito densa, muito complexa, onde a busca do equilíbrio para compatibilizar aqueles distintos interesses tem que ser permanente, exigindo a definição de regras de convivência claras e comumente aceites, sem as quais não seria possível manter firme tal teia de relações e inter-relações.

A Família é, por natureza, o centro primeiro do estabelecimento destas regras de convivência social.

É ao nível do núcleo essencial da estrutura social em que nos inscrevemos, que os princípios da vida em sociedade que caracterizam a espécie humana e que a fazem continuar a existir como tal se apreendem, se aprendem e se consolidam em cada um de nós.

Neste contexto, podemos compreender desde logo a importância do papel que a Família desempenha na construção da coesão social, dos laços de amizade, de solidariedade, e de cooperação e amor entre os Homens, em primeiro lugar entre os membros da própria Família, mas sobretudo entre todos os homens e mulheres que integram as outras Famílias, entre toda a Humanidade.

Sendo a Família – provavelmente será mais adequado falar de famílias – o pilar essencial no que respeita à interiorização individual das regras básicas da convivência em sociedade para todos os seres humanos, é evidente que esse pilar não detém, no quadro da organização humana, a exclusividade desta tarefa.

De facto, a socialização, ocorrendo inicialmente e no essencial ao nível da Família, é um fenómeno que extravasa largamente as apertadas fronteiras do núcleo familiar, alargando-se a outras estruturas de distinta natureza, das quais, pela evidência do papel que assume na nossa sociedade, destaco desde logo a Escola.

No âmbito da complexa teia social de que falava, estabelecem-se assim entre a Família e um larguíssimo número de instituições e entidades distintas, um infindável número de relações e inter-relações, que devem ser relações de cooperação – assim como o são no seio da Família – no sentido da adequada resposta às diferentes necessidades pessoais e colectivas dos seres humanos, que são, como sabemos, e à medida que conquistamos novos saberes, novos conhecimentos e novos instrumentos de bem estar e qualidade de vida, necessidades cada vez mais exigentes e complexas.

A Família é – ou deveria ser, sempre –, o centro primeiro da construção, consolidação e afirmação dos valores da solidariedade, da amizade, da cooperação entre todos os homens e mulheres, enquanto factores imprescindíveis, pela natureza intrínseca dos seres humanos, à sobrevivência da própria espécie, ao progresso e ao desenvolvimento, a que a inteligência de que os seres humanos dispõem deve conduzir toda a Humanidade.

Aqueles valores, adquiridos no seio da Família, devem depois transportar-se para o âmago da sociedade mais ampla, para as instituições e organizações que, concomitantemente com as famílias, dão corpo à nossa estrutura e organização social.

Infelizmente, assistimos hoje, na sociedade que temos vindo a construir, a uma certa inversão – perigosa inversão, na minha opinião – daquele que deveria ser o justo caminho para o desenvolvimento das sociedades humanas.

De facto, a crescente afirmação do primado do individual sobre o colectivo, do interesse pessoal e mesquinho sobre o interesse de todos, que caracteriza, numa larga dimensão, o mundo moderno em que vivemos, não apenas contraria o desígnio inicial da Família, a razão pela qual historicamente o Homem se organizou naquele núcleo básico essencial, mas sobretudo anula os valores que lhe são intrínsecos, e que são as raízes da sobrevivência humana enquanto espécie.

Substituindo a solidariedade, a amizade e o amor, pela competição pura, pela mesquinhez, pelo egoísmo exacerbado de uma sociedade onde o êxito pessoal, particularmente ao nível económico e financeiro, constitui o objectivo primordial da

cultura dominante, estaremos inexoravelmente a rejeitar o que de essencial e diferente o Homem, enquanto espécie, possui, que é a capacidade de cooperar no sentido de que todos e cada um dos membros da sua espécie possam ter acesso a cada vez mais saber, mais conhecimento e, em consequência, cada vez mais bens materiais que satisfação as suas necessidades próprias.

Uma sociedade que aceite a afirmação dos interesses do individual, sobrepondo-os aos interesses e valores do conjunto dos seus membros, é uma sociedade que necessariamente terá que gerar miséria e fome de milhares e milhares de famílias em todo o planeta.

“Ser Família” não pode, hoje, resumir-se a uma afirmação formal do núcleo essencial da nossa organização social, tem que ser muito mais do que isso. “Ser Família” tem que ser, para todos nós, mas em particular para as crianças e para os mais novos, uma âncora que não deixe zarpar para longe de nós, de modo a que os percamos de vista e do nosso alcance, os valores da Solidariedade, da Amizade, da Compreensão e do Amor que têm que fundar, como acontece nesta Instituição que é o Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro – como, felizmente, noutras Instituições que intervêm no nosso tecido social – têm que fundar, dizia, a construção de um mundo melhor para todos os seres humanos, onde a Paz, o Desenvolvimento e o Bem Estar de todos, sem qualquer tipo de distinção, sejam a realidade quotidiana do nosso viver.

Agradecendo de novo o convite e a oportunidade que o Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro me deu para convosco partilhar algumas ideias sobre o tema, quero reafirmar-vos a minha profunda convicção de que o exemplo de trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por esta Instituição, pelos seus Dirigentes, Trabalhadores e Amigos, há-de constituir ainda mais no futuro, o tijolo e o cimento de uma sociedade capaz de afirmar bem mais alto os valores da Solidariedade e da Amizade.

Bem Hajam pela vossa atenção.

Votos de uma boa jornada.

A Presidente da Câmara Municipal de Almada
Maria Emília Neto de Sousa